

M | A | JORNAL DO
R G S

Governo do Estado do Rio Grande do Sul / Secretaria de Estado da Cultura
Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli / Publicação mensal
Junho 2001 / Nº 69

Leopoldo Gotuzzo, detalhe de Estudo de nu, óleo sobre tela, 1938

LEOPOLDO GOTUZZO

MARCS
5
Registro.....
015/47

EDITORIAL

Leopoldo Gotuzzo, *Auto-retrato*, óleo sobre tela, 56cm x 39 cm, 1934.



Dentro do espírito de resgatar a herança de grandes artistas históricos, e valorizar coleções de arte de museus do Rio Grande do Sul, o MARGS tem a honra de apresentar, nas suas Pinacotecas, desenhos e pinturas de Leopoldo Gotuzzo, artista pelotense, que viveu no Rio de Janeiro, estudou na Europa, e deixou seu talento eternizado em composições da figura humana, naturezas-mortas e paisagens. Parte desse universo será visto agora, no MARGS, sob a curadoria do professor da Universidade Federal de Pelotas, Nicola Caringi, também diretor do Museu Leopoldo Gotuzzo, instituição que abriga esse importante patrimônio. Dar visibilidade a uma coleção de tal porte intensifica a política de descentralização cultural da Secretaria de Estado da Cultura, responsável, entre outras iniciativas, pelo intercâmbio que o MARGS realizou com museus portenhos, nacionais e regionais, levando *Missões* para Buenos Aires e a retrospectiva de Danúbio Gonçalves para

Brasília, Rio de Janeiro e cidades do Rio Grande do Sul. Gotuzzo irá circular por Bagé, Santa Maria, Caxias e Pelotas. Lembramos que, neste mês, o visitante do MARGS também encontrará uma extensiva e sensível mostra sobre a trajetória de José Lutzenberger que, com seu traço minucioso e atento, percorreu o cotidiano e as imagens da primeira metade do século XX. A família do artista, representada por seus filhos Magdalena, Rose e José Lutzenberger Filho, doou gentilmente cerca de 30 obras do artista para o acervo do Museu. São originais da série *Os Farrapos e O gaúcho*, trabalhos em bico-de-pena, além de têmperas de projetos arquitetônicos, desenhos, projetos de vitrais para igrejas e esboços ambientados na Europa. Enquanto prepara os textos e imagens, que vão compor o livro dedicado ao MARGS, dentro da coleção de Museus Brasileiros do Banco Safra, com uma tiragem expressiva de 12 mil

exemplares, o Museu também pode ser visitado na Internet, no endereço www.margs.org.br, através de uma exitosa parceria com a agência Martins+Andrade e o provedor Terra. Estamos, ainda, divulgando nosso Projeto Aquisição, que busca contemplar lacunas do acervo do MARGS, através da aquisição de artistas fundamentais na trajetória da arte no Rio Grande do Sul. Agora, com vocês, o Jornal do MARGS, trazendo depoimentos importantes sobre o grande crítico Mario Pedrosa, uma entrevista com Regina Silveira, um texto, direto do Chile, sobre um importante trabalho de releitura de obras fundamentais da arte, envolvendo crianças descapacitadas e, por fim, uma apresentação de Gotuzzo pelo viés de uma de suas maiores especialistas, a professora Luciana Reis, fundadora do Museu Leopoldo Gotuzzo.

Fábio Luiz Borgatti Coutinho
Diretor do MARGS

ACERVO

Na Conferência da UNESCO de maio de 1972 no Chile, foi discutido o papel dos Museus para a América Latina. Desta conferência, que marcou época e posição frente ao quadro latino-americano das intervenções militares cruentas, estabeleceu-se uma definição significativa da instituição museológica: "uma instituição a serviço da sociedade, que adquire, comunica e expõe, especialmente para fins de estudo, conservação, educação e cultura, testemunhos representativos da evolução da natureza e do homem".

Neste momento, as organizações museológicas (composta por seus profissionais de formação ou práticos) tomavam uma posição política frente à realidade que se apresentava. Os museus possuem (ou assumem) a tarefa de esclarecer (educar) o público, promovendo o debate através da comunicação exercida por suas exposições. Protegem, em todos os níveis, os testemunhos e vestígios da relação que a Humanidade estabeleceu com a natureza e, ainda, possibilitam que, mesmo diante de confrontos estéticos e éticos, se possa vivenciar o prazer, o deleite.

É precisamente este trabalho árduo que nós decidimos empreender. A interferência num acervo como o do MARGS se estabelece sobre bases de responsabilidade ética e técnica, onde o bem cultural sob nossa guarda deve ser percebido em toda sua potencialidade de construção do conheci-

mento acerca da realidade (não só artística). Esta percepção se estrutura na medida em que técnicas de guarda e salvaguarda vão sendo desenvolvidas: identificação precisa do objeto, compreendida por seu exame, etiquetagem, numeração e registro de sua entrada como peça de acervo, registro fotográfico, recuperação/restauro. Em seguida, uma pesquisa documental, histórica, iconográfica e iconológica a respeito deste objeto. Sem isto, o objeto, no nosso caso a obra de arte, se perde como mais uma peça de coleção, onde seu valor enquanto registro/vestígio do pensamento e ação criadora do Homem se desqualifica.

Tendo por base estas considerações e, ainda, ponderando sobre a realidade que temos no MARGS de uma instituição que além de obras de arte possui um vasto conjunto de documentos (de órgãos oficiais, de caráter jornalístico, bibliografia especializada, documentação sobre os artistas que possuem obras no acervo), desde 1999 os núcleos de Acervo e Biblioteca/Documentação e Pesquisa vêm discutindo a possibilidade de informatização dos acervos que competem ao Museu conservar, preservar e divulgar.

O passo inicial foi dado com a elaboração de um projeto de Banco de Imagens encaminhado à Fundação Vitae e aprovado para o ano de 2000. Isso implicou num acordo de cooperação entre SEDAC/RS e

Fundação Vitae com destinação de recursos financeiros, via AAMARGS, para a aquisição de material técnico e para contratação do fotógrafo Manuel da Costa, escolhido para a realização das atividades.

A idéia de um Banco de Imagens vinha sendo acalentada já alguns anos, fruto de uma política de preservação e conservação que ainda não estava madura o suficiente no período em que o Museu fora criado. A política de aquisição de obras de arte não priorizava a elaboração de uma documentação sobre as peças que possibilitasse, futuramente, análises mais profundas. O registro fotográfico carecia de recursos técnicos que viabilizassem não só o reconhecimento das peças como também a percepção de detalhes significativos presentes nessas.

Dessa forma, o projeto de um Banco de Imagens se aliou à necessidade de incrementar os dados sobre o Acervo e sanar as dificuldades/lacunas existentes. O projeto visa, entre outros objetivos, a construção de um sistema de registro mais confiável de caráter híbrido, utilizando uma estação de trabalho onde se fotografam as obras na própria Reserva Técnica, e se digitalizam os filmes revelados, armazenando as informações no *winchester*. Ali, através de programas específicos, a imagem recebe um tratamento de limpeza e aumento de definição. Realizada esta parte, estabelecemos um vínculo entre as

imagens digitalizadas e as fichas de identificação e registro do Banco de Dados, que se alia à pesquisa documental sobre as peças.

O Banco de Imagens começa a tomar a forma desejada pela equipe com 90% das 1500 obras previstas fotografadas e cerca de 30% destas imagens digitalizadas, com cerca de 60% dos artistas responsáveis por estas obras contatados e dispostos a nos fornecer dados mais precisos sobre suas criações (concepções estéticas e formais, o processo de criação, a história por trás do objeto pronto). Sendo assim, o que temos é a possibilidade de refletir sobre a nossa atividade de conservação e preservação de bens culturais com muito mais critérios do que no passado. Este trabalho viabilizará a possibilidade de edição de catálogos, livros, folhetos e reproduções de obras em diversos tamanhos e formatos permitindo a divulgação do acervo do Museu, bem como a obtenção de recursos através da venda desses impressos, seja na própria loja do Museu, seja em livrarias. Será possível também a elaboração de material didático para os projetos de arte-educação e de capacitação de monitores e da própria equipe de funcionários do Museu.

Amílcar Pinto
Dulce Mara Franco da Silva
Loreni Pereira de Paula
Ricardo André Frantz
Valeska Garbinatto
Equipe de Acervo do MARGS

EXPEDIENTE Governo do Estado do Rio Grande do Sul • Secretaria de Estado da Cultura • Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli • Secretário de Estado da Cultura Luiz Marques • Diretora do Instituto Estadual de Artes Visuais Bianca Knaak • Diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Fábio Luiz Borgatti Coutinho • O Jornal do MARGS é realizado pela Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado da Cultura • Jornalista responsável Cida Golin RG 6.256/25 • Edição Cida Golin • Colaboradores Fábio Coutinho, Amílcar de Castro, Dulce Mara da Silva, Loreni de Paula, Ricardo Frantz, Valeska Garbinatto, Flávio Gil, Luciana Renê Reis, Jorge Moraga, Héctor Aguilera, Luiz Alberto Gómez de Souza, Ana Maria Brambilla, Suzana Branco, Christina de Almeida, Marco Antônio Cunha, Vera Greco e Seloi Teixeira • Distribuição Jorge Feijó e Seloi Teixeira • Projeto gráfico Ana Cláudia Gruszynski • Editoração eletrônica Atelier Design Gráfico • Fitolito Start Press • Impressão Palotti • Tiragem 10 mil exemplares • Distribuição gratuita • Cartas para Jornal do MARGS Praça da Alfândega, s/nº CEP 90010-150 Porto Alegre/RS Fone: (51) 227 2311.Fax:221-2646 • E-mail: museu.margs@terra.com.br • [Http://www.margs.org.br](http://www.margs.org.br). Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.O MARGS abre ao público de terças a domingos, das 10 às 19 horas. Na segunda-feira, somente expediente interno.



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Estado da Cultura

Paradoxos Visuais

Regina Silveira faz de cada criação uma pergunta. Em busca da poética sobre os modos de ver, desvela a artificialidade das representações. Sustenta seu universo a partir da geometria e da perspectiva como instrumentos irônicos e paródicos. No jogo das distorções, persegue perspectivas em abismo e cria paradoxos visuais em torno da luz e da sombra.

Regina é uma artista do espaço, do interior, da fachada, da malha urbana, dos monumentos, tem ousadia para enfrentar até arquiteturas difíceis como a de Legorreta, buscando estratégias nada comuns. Precisa articular medições, plantas, escalas, meios que transcendem sua capacidade física de trabalho.

Minha grande problemática é o espaço, como as imagens constituem espaços de vários tipos. Desde que eu pude sair dos lugares tradicionais da arte, mergulhando numa arena arquitetônica, isso ganhou sentido e diferença. Isso me interessa mais do que produzir peças que tanto fazem estarem aqui como estarem ali.

A artista, no momento, prepara uma das obras que irá fazer parte do cotidiano do novo aeroporto de Porto Alegre. Prevista para estar pronta em julho, a malha de desenhos em perspectiva, com fundo em azul escuro, passa por um longo percurso que inclui computador, transposição das imagens para azulejos, pintura em cerâmica, queima em forno, numeração dos azulejos e, finalmente, a montagem. A obra descende de um painel externo que a artista fez para um museu americano durante a

exposição *Passion for winds*.

Preparei dois projetos, um maior para o setor de check-in e um outro menor, que é o que eu vou realizar. Nos dois trabalhei com a mesma mistura de desenhos. Não há nada ali que não seja concepções de vôo, desde Leonardo da Vinci, concepções da Idade Média, fiz uma enorme investigação. Escaneei, fiz xerox, fotografei e saí aquela malha. O aeroporto é isso: desenhos esquemáticos de aviões, ultra-levés, desenhos do começo do século, imagens de Guerra nas Estrelas, como se fosse uma mistura de épocas, tempos, culturas e mitologias.

A artista, professora aposentada da Escola de Comunicações e Artes da USP, veio a Porto Alegre, sua cidade natal, para inaugurar uma intervenção no espaço Torreão (rua Santa Terezinha, 79), onde seu trabalho fica até 6 de julho. Obra inseparável do lugar, ali, em *Desaparência (Estúdio)*, revisita seu percurso artístico inicial como pintora e aluna de Ado Malagoli e Iberê Camargo. Nessa longa quilometragem, como definiu em palestra comemorativa aos 40 anos do Ateliê Livre, a gravura e o grafismo são constantes. Regina, por exemplo, colaborou durante seis anos com o antigo *Correio do Povo*, ilustrando colunas como a de Lara de Lemos ou do *Bric a Brac*.

A efemeridade caminha lado a lado com a artista, levando-a, às vezes, à necessidade de tecer tapeçarias como solução à falta de permanência de trabalhos queridos. Com o recurso das novas tecnologias - que também trazem o ilusionismo e a interferência como bases do imaginário cotidiano - ela

pode guardar suas idéias executadas num zip, onde ficam aguardando a próxima oportunidade para retornar, muitas vezes transformadas, ao espaço real.

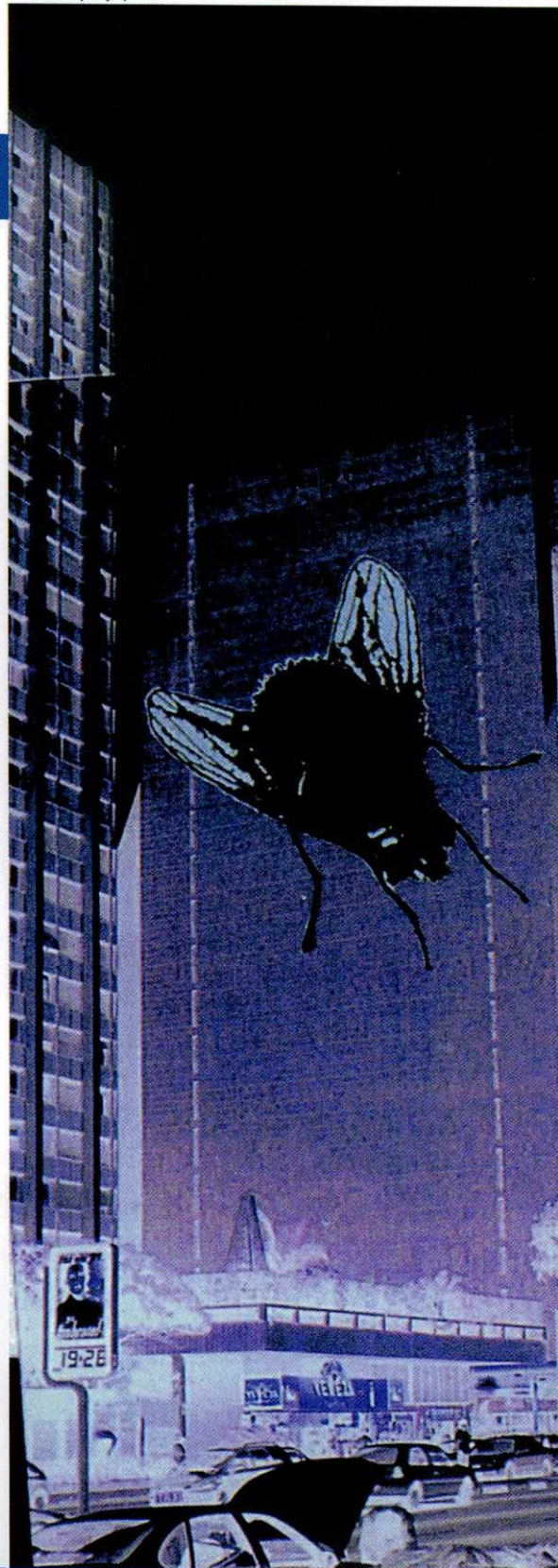
O efêmero é uma questão política, não é para ser posto à venda. Existe para provocar estranhamento nos sujeitos, mudar algo na vida das pessoas. (...) As pessoas olham a Mosca, o Super-X, de alguma maneira isso interveém na sua percepção, dá um corte, uma mudança. São momentos bastante inesperados, poéticos, procurando sua diferença.

A Mosca e o Super-X são personagens criados por Regina para dialogar com os sujeitos passantes, aqueles que jamais vão ao MASP, e com a imensidão de sinais luminosos de uma metrópole. A Mosca faz parte da exposição *Bienal: os primeiros 50 anos*, em cartaz em São Paulo, dentro de um segmento que revela a complexa relação da arte com um sistema de circulação de pessoas, energia e informação que é uma cidade. Signo de deterioração, de transformação, a Mosca vai sendo projetada por um equipamento em cima de uma camionete e interferem em diversos espaços de poder da cidade, conforme o desejo e o percurso afetivo de sua autora. Provoca diversas leituras, desde críticas até comemorativas. Regina recebe vários pedidos para projetar sua elegante e luminosa mosca varejeira. *A mosca não pode passar aqui no Hospital da Mulher que está há tanto tempo parado? Virou instrumento de crítica e de vingança.*

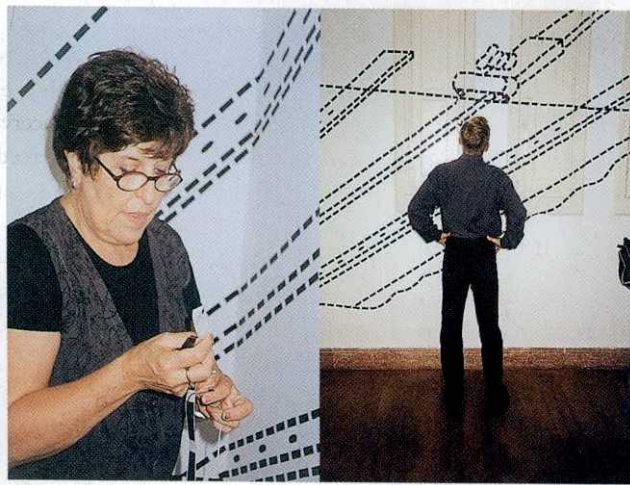
Cida Golin
Jornalista

com a participação de Flávio Gil na entrevista

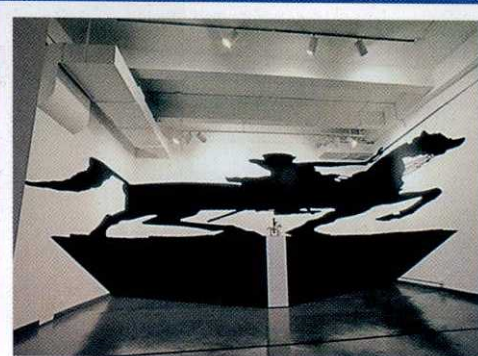
Detalhe projeção Transit, São Paulo



Montagem de *Desaparência (Estúdio)* no Torreão, Porto Alegre, junho 2001. Fotos Éliada Tessler



The Saint's Paradox, 1994.



Vórtice, 1994.

VISITE A GENTE TAMBÉM.
www.gerdau.com.br

GO GERDAU

100
ANOS

SLM OGLIVY

O universo de Leopoldo Gotuzzo uma arte que fala por si mesma

Gotuzzo dedicou sua vida à pintura. Vocação definida e cedo revelada nos desenhos escolares; depois, no curso mantido por Frederico Trebb, pintor e cônsul italiano. Cedo, também, conheceu os limites de sua terra de nascimento – Pelotas – para chegar aonde desejava.

Ajudava por esta época, o pai, dono do Hotel Aliança e sonhava estudar pintura em Paris. O pai, Caetano Gotuzzo, pode realizar o sonho do filho em 1909 e, como bom italiano, enviou-o para Roma. Lá, durante quase cinco anos, estudou com Joseph Noël ótimo professor... francês.

Ao romper a Primeira Guerra Mundial, em 1914, morreu Noël, e Gotuzzo decidiu que era tempo de andar sozinho. Daí por diante, o estudo dos gênios da arte nos museus da Itália, da França e da Espanha, a observação da natureza e o trabalho intenso na pintura e no desenho, completariam sua formação artística.

Treinou sempre nos desenhos rápidos da figura humana em ateliês na França e,

mais tarde, no Rio de Janeiro, “para manter-se em forma”, dizia sorrindo, bem humorado que sempre foi.

Em 1918, depois de nove anos na Europa, Gotuzzo resolveu voltar ao Brasil. Já havia comparecido aos Salões Nacionais, levantando prêmios: 1915 – Menção Honrosa; 1916 – Medalha de Bronze; 1917 – Medalha de Prata.

No Brasil, continuou pintando e recebendo prêmios. As distinções, as medalhas de prata e ouro acumularam-se. Fez exposições, divulgando seu trabalho junto ao público que compareceu e adquiriu quadros. E sempre contou muito com o apoio da imprensa. Expôs em Pelotas, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande e Bagé. Em 1927, voltou à Europa e lá permaneceu até 1930, pintando e apresentando suas obras em Portugal e na França.

Gotuzzo sempre lembrou-se de Pelotas. Em 1955, resolveu doar uma coleção de quadros para Escola de Belas Artes a fim de viabilizar um futuro Museu



Detalhe da ponte, óleo sobre tela, 1918.



Dálias, óleo sobre tela, 1943.



Repouso, óleo sobre tela, 1916.



As Uvas dos Meus Oitenta Anos, óleo sobre eucatex, 1967.

(1887-1983):

das Artes Gotuzzo. Logo, fez mais algumas doações. Em 1983, em virtude da morte do pintor, veio um grande acervo para o Museu que foi, então, finalmente fundado em 1986. Neste ano, a idéia recebida com alegria nos idos 1955, divulgada, lavrada em atas, constante de relatórios e pareceres tornou-se realidade: o museu abriu-se ao público para prestar serviços da sua competência.

O estilo de Gotuzzo liga-se ao pós-expressionismo. Sua arte mostra o conhecimento técnico orientado pela simplicidade. Não usou a deformação expressiva ou geométrica porque assim não quis ou não sentiu...

Passados tantos anos, num tempo de mudanças vertiginosas, a crítica, por vezes, mostra-se incapaz de olhar uma produção artística, analisando seus valores verdadeiros, desvinculados de modas ou imposições, valores que são eternos e não se limitam a pequenos espaços de tempo, nem podem ser vistos através de ângulos estreitos.

Sérgio Miliet escreve em *Pintura quase sempre: Não existe definição de arte. A arte não é boa por ser moderna ou antiga, ou clássica, ou abstracionista. A arte é boa quando "é".*

Não se pretende explicar a arte de Leopoldo Gotuzzo, ela fala por si mesma, num discurso contínuo e seguro durante mais de sessenta anos. Convidamos os apreciadores da pintura a percorrerem a mostra que hora se inicia no MARGS e terem o privilégio de observar uma pequena mas expressiva parcela da obra desse artista. Olhem e anotem: o desenho firme, o colorido e sua variedade, o detalhe pouco elaborado e sujeito ao todo, as pinceladas soltas, espontâneas, os temas tratados com facilidade, facilidade esta resultante de muitos anos de estudo e de treino, orientados pela vocação e sensibilidade, e assim descubram Gotuzzo e seu mundo.

Luciana Renck Reis
Professora Universidade Federal de Pelotas
Fundadora do Museu Leopoldo Gotuzzo
e especialista na obra do artista

Museu Leopoldo Gotuzzo

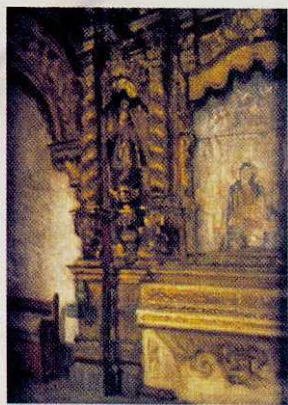
O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo foi fundado em 7 de novembro de 1986, através de uma iniciativa da Professora Luciana Reis e da Universidade Federal de Pelotas. Localizado no centro da cidade, desenvolve os trabalhos desde 1992 em parceria com o Instituto de Letras e Artes da UFPel. O acervo é composto por 600 obras que são divulgadas a partir um intenso programa educativo. Projetos como Museu na Escola, cursos de História da Arte e encontros com artistas plásticos integram o plano de atividades do Museu, que se dedica tanto à crianças em fase escolar como ao público universitário. A exposição, que acontece de 5 de julho a 12 de agosto nas Pinacotecas do MARGS, tem a curadoria de Nicola Caringi, atual diretor do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, professor das disciplinas de Teoria da Comunicação e História da Cultura na Universidade Federal de Pelotas. O conjunto das obras expostas é uma amostragem ampla das diversas fases do artista.

Ao todo, 54 obras de Leopoldo Gotuzzo estão em Porto Alegre. E essa não é a primeira vez que o MARGS sedia uma exposição do artista gaúcho. Em 1987 aconteceu uma mostra em comemoração ao centenário do nascimento de Gotuzzo. Em 2001, as peças escolhidas vêm em maior quantidade, e variando entre desenhos e pinturas. Dentre os gêneros, destaca-se as técnicas de óleo sobre tela, papelão e eucatex, além de bicos de pena, sangüínea e carvão sobre papel.

Entre as peças que integram a mostra, estão *A baiana*, de 1942, que participou do 9º Salão Paulista e *Estudo de nu*, um óleo sobre tela de 1938, vencedor da medalha de prata do mesmo evento.



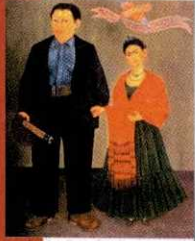
Teresópolis, óleo sobre tela, sem data.



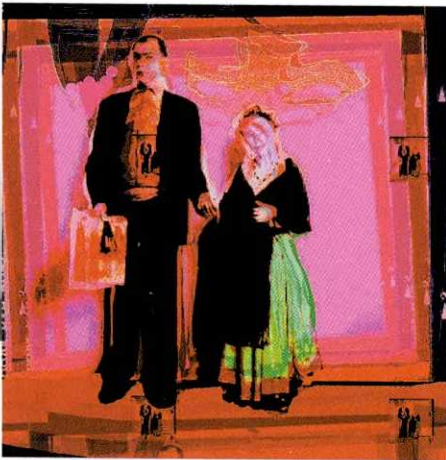
Interior de Igreja em Portugal, óleo sobre tela, 1927.

POÉTICAS

Desde agosto de 2000, artistas visuais e educadores chilenos desenvolvem um projeto multidisciplinar de integração artística chamado *Uma viagem diferente pela história da pintura*. O grupo percorre a sensibilidade dos excluídos, do cidadão comum e simples, marginalizados no seu anonimato e que não é tema da grande arte. Estes seres, que habitam em qualquer ponto do planeta, são concebidos poeticamente pelos artistas como gotas de água que dão vida a rios, mares, portos e faróis.



Frida e Diego Rivera, Frida Kahlo, 1931
Modelos: Alvaro Olivares y Paulina Avarena



El zuavo, Amedeo Modigliani, 1918
Modelo: Noriel Molina



La Lechera, Jan Vermeer, 1658-1660
Modelo: Andrea Moncada



A educadora Alejandra Aceituno, o fotógrafo Jorge Aceituno, a escritora Paulina Valente, o designer Héctor Aguilera e o pintor Jorge Moraga inter cruzam suas disciplinas para que os cidadãos comuns se apropriem e autorepresentem algumas obras essenciais e outras desconhecidas da história da pintura. No processo de navegação artística, as imagens canônicas são recriadas fotograficamente, interpretadas através da poesia, e relidas em suporte digital a fim de voltar ao seu mundo de origem, a pintura.

Na origem das águas cor de céu

O primeiro desses projetos com pessoas excluídas chama-se *Com água de céu*. Ali propõe-se um conceito de produção artística que integra o mundo da discapacidade, mesmo que este não tenha um espaço nas histórias oficiais da arte. A experiência foi realizada com jovens artistas com Síndrome de Down e discapacidade mental no Centro de Capacitação Técnica Aquelarre em Santiago do Chile. Eles, a rigor modelos, poetas e grandes mestres diferentes, interviram com total liberdade em obras de Van Gogh, Frida Kahlo, Vermeer, Picasso, Modigliani, Goya e assim até o infinito.

Na base do trabalho, a dignidade dos jovens alunos, sem a pretensão de mostrar pessoas diferentes pelas suas condições particulares ou traços físicos, tratamento recorrente na fotografia, no cinema e na televisão, que só contribui para alimentar atitudes paternalistas e preconceituosas com os excepcionais. Pela mão da professora Alejandra, os jovens mergulharam em livros, slides e CD-ROM, escolhendo obras a partir de processos de autoidentificação.

Na *mise-en-scène* da nova leitura estética, a obra original foi alterada através da suspensão das suas propriedades cromáticas. As fotografias de Jorge Aceituno retrataram os personagens-modelos num preto e branco rigoroso, acadêmico e sensível. Logo depois, foi a vez de confrontar fotografias e reproduções dos originais. Junto à escritora Paulina Valente, as crianças expressaram seus sentimentos com pinceladas de tinta e palavras verdes de lápis, com emoção aberta e simples, entrando no mundo da palavra poética para conferir um caráter textual às obras.

*La sangre de la loba corre por el cuerpo
la loba tiene cuernos y un bachezo em el alma
le cortaron el corazón y agoniza
La loba viaja al cielo
Robin Hood clavó la flecha em su espalda
su alma salió volando por los fierros y las trampas
y su cuerpo quedó dormido para siempre*

(poema inspirado na obra *La Loba* de Frida Kahlo)

Finalmente, guiados por Jorge Moraga, frente à tela eletrônica, o grupo sugeriu cores, veladuras, manchas e traços, explorando segredos e brincando de *photoshop*, delimitando o modo de trabalhar na digitalidade, respeitando gestos e figuras autoreconhecíveis. Assim, surgiu um conjunto de 108 obras, às vezes com reminiscências do original, outras vezes um todo absolutamente novo, transformando a obra naquela janela aberta ao distinto como sugeriria Marcel Duchamp.

6 O céu anônimo de todas as águas

O navio e seu futuro

Finalizada a produção das fotografias, poemas e pinturas digitais, a primeira estação do projeto será a edição do livro *Com água do céu. Uma viagem diferente pela história da pintura*. No momento, o grupo encontra-se à procura de verbas para permitir sua impressão e fazer com que o sonho possa chegar ao destino. Em paralelo, os criadores projetam um sítio *web*, através do qual se convidará artistas e educadores a reproduzir a experiência em nível de globalização, fundando assim as bases para dar vida ao Museu Digital dos Artistas Diferentes.

Os rios conduzem às águas do céu

Seguindo o desejo poético dos artistas excepcionais que trabalharam na obra, uma vez pronto o livro, num rito de profunda ancestralidade, algumas cópias serão lançadas nos rios Mapocho, que cruza a cidade de Santiago, e Clarillo, que nasce no coração da Cordilheira dos Andes, para que suas imagens e textos se transfigurem em veleiros que, pintados pelas cores dos rios e mares sonhados, naveguem no céu anônimo de todas as águas.

Os portos nascem do mar

"Porto Alegre, cidade com a qual nos vinculamos emocional, estética e eticamente por ter morado nela ou ter sido seus passageiros, representa nos difíceis dias de hoje um modelo de diferença. De uma outra margem, queremos dar a conhecer este trabalho de integração artística que propõe o fim dos mares da exclusão e a erradicação global dos portos de maus tratos.

Queremos, parafraseando vossa cidade, que as gotas de pessoas anônimas que circulam sob distintos céus, contem sempre com um porto próprio, um porto alegre, um porto amável, um porto onde sejam amados."

de Santiago do Chile,

Jorge Moraga, artista plástico e Héctor Aguilera, comunicador e designer

GRÁFICA EDITORA
Pallotti
IMAGEM DE QUALIDADE

Plínio Brasil Milano, 2145 - Fone (51) 341.0455 - Fax (51) 341.8775
E-mail: pallotti@pallotti.com.br - Home-page: www.pallotti.com.br

Arte na biblioteca

Quem se interessa por arte e literatura afim, encontra na biblioteca do MARGS uma variada coleção de livros que retratam a trajetória de artistas brasileiros e internacionais, além de obras contando a história dos museus do Brasil e do mundo.

Neste semestre, a Associação de Amigos do MARGS contribuiu para o enriquecimento e a qualificação do acervo literário. Os amigos do Museu doaram três livros de excelente conteúdo. O primeiro deles, intitulado *Conservación y restauración*, é um dicionário técnico dos procedimentos recomendados para a manutenção de obras de arte e de ambientes culturais. É um instrumento de trabalho recomendado a museógrafos, historiadores, arquitetos, restauradores e estudantes. A obra foi editada em língua espanhola e leva a assinatura da professora Ana Calvo.

La Museología é um dos títulos que compõem a coleção *Arte y Estética*, das *Ediciones Akal*. Trata-se de um manual educativo sobre a lógica de funcionamento dos museus. Os textos reúnem lições trabalhadas no curso de Museologia Geral, ministrado por Georges Henri Rivière (1928-1985), professor da Universidade de Paris IV e um dos fundadores do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares da França.

O terceiro livro presenteado pela

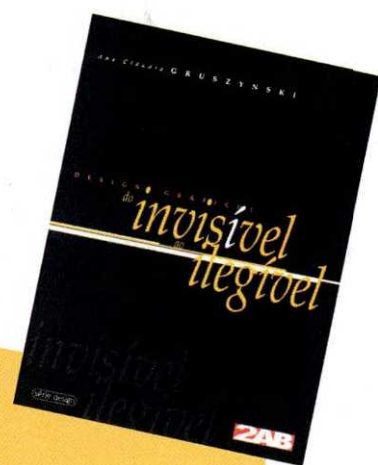
AAMARGS também é dedicado à mesma temática: *Museología y museografía*, de Luiz Alonso Fernandes, aborda o embasamento teórico e o instrumento patrimonial dos museus da sociedade atual. Descreve ainda as categorias e tipos de museus, o desenvolvimento e aplicação da museografia, a gestão e a administração de uma casa de artes.

Entidades culturais de Buenos Aires também enviaram dois volumes da *Ediciones Banco Velox*. Um deles comenta a obra de Emilio Pettoruti. O outro é um retrato da produção em artes pictóricas no Mercosul. O Itaú Cultural enviou a *Coleção Arte Brasileira do Século XX*, apresentando trabalhos em gravura. A mesma entidade doou *Mapeamento nacional da produção emergente*, material que mostra as manifestações artísticas em fotos e montagens, assinadas por brasileiros que lançaram-se às artes plásticas.

Destaca-se, ainda, entre as novas aquisições *A prevenção do tráfico ilícito de bens culturais*, uma publicação da UNESCO. Estes e outros livros estão disponíveis para consulta local de terças a sextas, das 12 às 17 horas no segundo andar do Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Fone 3227-2311. E-mail: documentação@terra.com.br

Ana Maria Brambilla

A fim de suprir lacunas da coleção histórica do MARGS, o Núcleo de Acervo recebe propostas para o **Projeto Aquisição 2001**. Informações pelo telefone 3227-2311.



Design gráfico: do invisível ao ilegível, de Ana Cláudia Gruszynski, é o lançamento de junho da editora 2AB. A obra propõe uma revisão da identidade do design gráfico, analisando o princípio da neutralidade associado à tipografia e seu contraponto através das propostas presentes nos layouts contemporâneos. Enfatiza, deste modo, o quanto as opções gráficas contribuem para a produção do sentido das mensagens. A autora, professora da UFRGS, doutoranda em Comunicação pela PUCRS e responsável pelo projeto gráfico do Jornal do MARGS, aborda a articulação das tendências introduzidas pelo pós-modernismo atuando em conjunto com os recursos de computação gráfica.

MARGS

EXTENSÃO O Núcleo de Extensão promove de 3 a 24 de julho o curso *A imagem, o som e a palavra como possibilidade de construção artística em sala de aula*, dedicado a professores de artes e demais interessados. Será um estudo sobre os significados verbais e não-verbais das artes visuais, a partir de oficinas de desenho, pintura, instalação, colagem e montagens multisensoriais, voltados a métodos lúdicos de criação artística.

As aulas serão ministradas pelo professor Chico Machado e acontecerão às terças-feiras, das 14 às 18 horas. Inscrições no local. Maiores informações no Núcleo de Extensão do MARGS (Pça. da Alfândega, s/nº), fone 3327-2311 Ramal 15 ou 3332-1683. E-mail: extensao.margs@terra.com.br

AAMARGS A Associação dos Amigos do Museu comemora a adesão de mais um parceiro: a Cultural Tur, uma empresa prestadora de serviços de transporte de passa-

geiros, que está oferecendo desconto de 20% para os sócios que utilizarem seus trabalhos. Em julho a agência DCS lançará uma campanha publicitária para adesão de novos Amigos do MARGS. O trabalho prevê uma mensagem bastante persuasiva e presença em cartazes, *out-doors*, salas de cinema entre outras mídias. A AAMARGS tem sede no térreo do Museu (Pça. da Alfândega s/nº), e funciona de terça a sexta, das 10 às 11h30min e das 14 às 18 horas. Telefone: 3224-4255 E-mail: aamargs.margs@terra.com.br

BISTRÔ O Bistrô, opção *culto* do roteiro gastronômico da cidade, oferece o Kit "Chá MARGS". O cardápio elaborado especialmente para as tardes frias de inverno é composto por quiche de palmito, mini-sanduíches, croissant, carolina de chocolate, chá e suco. A sugestão para um casal sai ao preço de R\$ 18,50. E para ocasiões formais, onde os negócios precisam ser discuti-

dos em um ambiente tranquilo, o Bistrô do MARGS lança a oportunidade de realização de eventos para o café da manhã, *happy hour* ou jantar. As reservas podem ser feitas pelos telefones 3225-4484 ou 3231-6270. O Bistrô está aberto diariamente, das 11 às 21 horas.

LOJA DO MARGS Chegaram as novas camisetas do Acervo Permanente do MARGS. Em vários tamanhos, as peças trazem estampada a arte de Di Cavalcanti, Cândido Portinari, Visconti, Heitor dos Prazeres e João Fahrion. A Loja do MARGS negocia parceria com a Reunião dos Museus Franceses para adquirir produtos vendidos nas lojas de *souvenirs* de museus europeus. Jogos e artigos de papelaria chegarão em breve às prateleiras da Arteloja. Com a chegada do frio haverá a Promoção de Inverno, para aquecer o interesse pela arte nos frequentadores. Serão oferecidos descontos

de até 50% em livros e em outros artigos. Quem visitou a exposição de José Lutzenberger, pode levar para casa o *ex-libris* ilustrado com reproduções de desenhos do artista. São conjuntos de 20 adesivos utilizados na identificação de livros; as ilustrações são uma exclusividade da Loja do MARGS, que fica aberta de terça a domingo, das 10 às 19 horas. Telefone: 3228-8533

CAFÉ DO MARGS Para os almoços rápidos no Café do MARGS, a dica da casa é o arroz selvagem com champignon e alecrim, além do peito de frango com ervas finas. Outras especialidades, para as baixas temperaturas, são o *stroganoffe* a massa concha ao molho de quatro queijos. Atendendo ao pedido dos frequentadores, às 17 horas do dia 30 de junho, o Café abre as portas para um show de jazz. Visite o Café do MARGS de terça a domingo, das 10 às 19 horas. Fone: 3211-4945.

Visite o Museu na Internet

www.margs.org.br

Parceiros do MARGS

- Acori Comunicação
- Edelweiss
- Converge
- Kreybel
- Revista Aplauso
- Arteplantas
- Fiat
- Happy Man
- Lojas Pompéia
- Start Serviços Gráficos
- Ativa
- Gerdau
- Hotel Plaza São Rafael
- Lojas Renner
- Terra
- Banrisul
- Gráfica Palotti
- Killing
- Martins + Andrade
- Varig
- Ouro e Prata Turismo
- Vinhos Miolo

Mário Pedrosa, criação e esperança

Convivi com Mário Pedrosa em Santiago do Chile, quando eu trabalhava nas Nações Unidas (CEPAL), em pleno governo Allende e ele chegava para mais um exílio (o terceiro ou o quarto, desde os anos 30). Vivía perto de minha casa, era só dobrar a esquina. Na sua cadeira de balanço preparava “teses” sobre as grandes transformações civilizatórias; na mesa ao lado, sua mulher, Mary Houston, datilografava velozmente um livro em que ela, perfeitamente bilingüe, dava chaves de leitura e descodificava para o inglês o texto críptico de Joyce, *Finnegans Wake*. Ali reencontrei Darci Ribeiro, conheci a cineasta Tetê Moraes e Túlio, exilado com Mário, que seria um dos desaparecidos nos dias seguintes ao golpe de Pinochet.

Conversas intermináveis sobre sua experiência de jovem militante na Alemanha de 1930, onde lutara nas ruas com os nazistas; sua reação rápida frente ao estalinismo e sua aproximação com Trotsky. Depois de uma divergência com este, sobre o caráter socialista de regime soviético, que Mário negava, pretendia ir explicar-se com o “velho”, quando ele foi assassinado no México. Falou-me de seu exílio durante o Estado Novo, nos Estados Unidos, quando desenvolveu sua carreira de crítico de arte. Sempre atento ao local e ao universal, promovera a pintura comprometida de Portinari, para depois - com escândalo de amigos ortodoxos - abrir-se à arte abstrata e, mais tarde, até ao trabalho de sua amiga Lygia Clark. Temperamento inquieto, absorvendo o novo que surgia, sensível às perspectivas planetárias da arte, das práticas sociais e do pensamento.

Dali de Santiago escreveu bela carta a Picasso, sugerindo que tirasse sua obra *Guernica* de Nova Iorque e a enviasse ao Chile, país que era sinal de novos tempos. Ainda bem que Picasso não o atendeu... Logo depois, com Giulio C. Argan, crítico de arte, que fora prefeito de Roma, com Tierno Galván, prefeito de Madri e também crítico, com o escultor Alexander Calder e outros, presidiu um Comitê Internacional que criou o Museu da Solidariedade no Chile. Mais de seiscentos artistas doaram telas, a começar por aquela de Miró, “os galos que cantam ao amanhecer” e que foi capa da apresentação do Museu.

Na noite da inauguração, em seu discurso, infelizmente perdido, entregando o Museu ao povo chileno, Mário lembrou que toda arte era um esforço para encarnar-se na vida e toda história uma busca

para transcender-se, uma descendendo e outra ascendendo. E um dia, indicou, no futuro - tempos do “reino da liberdade” de um de seus mestres? - toda arte seria história e toda história seria arte. Salvador Allende, em seu improvisado de resposta, retomou a idéia. A exposição temporária na Quinta Normal foi transferida para o edifício que se chamaria depois Diego Portales, construído para um grande encontro político internacional.

Veio o golpe e Mário ficou umas semanas, oculto, em minha casa. Ali escondi quadros de sua coleção particular que, depois de várias peripécias, minha mulher e eu conseguimos entregar-lhe no México. O embaixador desse país, seu amigo, que já recebera Hortencia Allende, quis acolhê-lo como asilado. Depois de uma tentativa frustrada para entrar na embaixada - em que terminei indo com o embaixador e Mário ao enterro de Pablo Neruda - conseguimos, dias mais tarde, que transpusesse o portão, num momento de desatenção dos policiais. Temeu-se pelo acervo do Museu, que esteve desaparecido por muitos anos. Foi redescoberto há pouco tempo, não sei em que condições.

Mário não esmoreceu. Vivendo depois na França, numa ida a Cuba, lançou a idéia do Museu da Resistência Salvador Allende, com sede em Paris e em Havana. A proposta era que os artistas enviassem obras para serem leiloadas e servissem para financiar a resistência.

Com a abertura, Mário voltou ao seu apartamento de Ipanema onde o reencontrei, já com sinais de sua enfermidade final. Retomou seus artigos e, em 1979, instigou o líder sindical que surgia, Luís Inácio da Silva, Lula, a criar um partido a partir das práticas do ABC paulista. Em razão disso, Mário seria o segundo, depois de Lula, a assinar a ata de fundação do PT. Foi então, em 1980, a festa de seus oitenta anos (nascera com o século), numa galeria de arte, rodeado de tantos amigos. Morreria logo depois, vencido pelo câncer. Um busto na Praça Nossa Senhora da Paz, o mantém presente em seu bairro. Graças aos cuidados da professora de estética da USP, Otilia Fiori Arantes -

filha do filósofo gaúcho Ernani Maria Fiori, contemporâneo de Mário no Chile -, um bom número de seus textos foi publicado, pela EDUSP, em quatro volumes.

Antes de morrer, propusera a organização de galerias temporárias, que recebessem obras de arte indígena, negra, popular e de vanguarda, para assinalar a criatividade permanente do país. O *Espaço Mário Pedrosa*, no Museu Nacional de Belas Artes do Rio, recolheu sua sugestão.

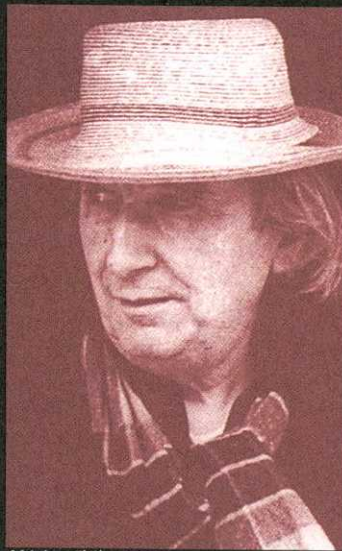
Recordo Mário sempre alegre, moleque mesmo, otimista irremediável, rodeado por jovens. Mesmo nos dias imediatos ao golpe, manteve a esperança. Guardo a imagem dele, na cabeceira de nossa mesa chilena, com um grupo de amigos que se protegiam do toque de queda, animando com alguma história divertida. Porém uma noite, num certo momento, ao falar

do amigo Salvador Allende, sua voz de belo timbre quebrou-se num soluço. Todos tínhamos diante de nós a imagem do Palácio de La Moneda em chamas. “Más temprano que tarde volverá el pueblo a las grandes alamedas... La historia es nuestra, la hacen los pueblos”, falara Allende pelo rádio pouco antes de morrer: mantemos até hoje a memória dessa despedida, que ouvimos com o coração apertado. Mário acreditou sempre num futuro aberto depois das derrotas, e lembrei dele ao voltar ao Chile já liberado e entrar em La Moneda restaurada.

Seu exemplo e ensinamento são indispensáveis em nossos dias, quando dirigentes políticos sem compromisso com a nação tentam sucateá-la e quando a miopia de tantos não vê o grande processo em curso na sociedade e nas artes. Espírito universal e ousado, ao mesmo tempo enraizado em seu Brasil e na sua história, Mário nos ajuda a apostar num horizonte utópico mais à frente e no dinamismo de um povo que sabe criar, festejar, celebrar, amar e transformar.

Luiz Alberto Gómez de Souza
Doutor em Sociologia pela
Universidade de Paris

Diretor Executivo do Centro de Estatística Religiosa e
Investigações Sociais (CERIS) no Rio de Janeiro



Mário, Chile, 1972



Ao lado, inauguração do Museu da Solidariedade, com Salvador Allende

Ao lado, Rio de Janeiro, 1981

Mário Pedrosa (1900-...) Professor e historiador da arte, foi um dos nomes decisivos da crítica de arte brasileira, articulando, ao longo de uma vida dinâmica, o engajamento político revolucionário com a atuação e reflexão artística. O texto *As tendências sociais da arte de Käthe Kollwitz* (1933) rompeu com a tradição nacional da crítica impressionista e convencional. Com o trabalho *Da natureza afetiva da forma na obra de arte* (1949), foi o mais importante defensor da arte abstrata no Brasil. Personalidade internacional, num de seus exílios, organizou o Museu de Arte Moderna, depois Museu da Solidariedade no Chile de Allende. Artistas do mundo inteiro, como Picasso, Calder, Miró e Léger, atenderam o apelo do amigo enviando obras. Os únicos artistas brasileiros, que conseguiram furar o bloqueio do governo militar à iniciativa de Pedrosa, foram Franz Kracjberg, Lygia Clark e Sérgio Camargo que remeteram suas obras de Paris.